

**A VARIABILIDADE LINGUÍSTICA EM LIBRAS:
ASPECTOS DIATÓPICOS**

Orleane Evangelista de Santana (UEMASUL e UNITINS)

orleanesantana@bol.com.br

Cleres Carvalho do Nascimento Silva (FACIMP)

carvalhoscar@outlook.com

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), considerando a variação diatópica, isto é, o tipo de variação linguística que ocorre em decorrência do lugar onde a língua é falada, do modo como essa língua é falada por seus usuários nos diversos lugares (cidades e regiões), a fim de verificar se os falantes usam sinais diferentes com o mesmo significado para se comunicar. Partimos do princípio de que a LIBRAS, como qualquer língua natural, possui características formais e funcionais que favorecem o fenômeno da variação e mudança linguística, sendo, portanto, passível de descrição e análise de cunho científico. Para atingir o objetivo a que nos propusemos, realizamos pesquisa bibliográfica desenvolvida com base em material já elaborado constituído de livros, dissertações e artigos científicos, de onde extraímos fundamentalmente as contribuições de autores tais como Labov (1972, 2008), Gesser (2016), Silva (2020), Vargas (2017), entre outros sobre o tema em estudo. Demos às informações e dados levantados no material selecionado tratamento indutivo e realizamos procedimento comparativo, explicativo, descritivo e qualitativo a fim de consolidarmos a fundamentação teórica. Os resultados apontam para a existência de variação diatópica nas diversas línguas de sinais e, ainda, na LIBRAS falada em estados/municípios brasileiros. Logo, constatamos que, assim como nas demais línguas naturais, tanto na LIBRAS quanto nas demais línguas de sinais, ocorrem o fenômeno da variação diatópica.

Palavras-chave:

Libras. Variação Linguística. Línguas de Sinais.

ABSTRACT

This study aims to analyze the Brazilian Sign Language (LIBRAS), considering the diatopic variation, that is, the type of linguistic variation that occurs due to the place where the language is spoken, the way that language is spoken by its users in different places (cities and regions), in order to check if the speakers use different signals with the same meaning to communicate. We start from the principle that LIBRAS, like any natural language, has formal and functional characteristics that favor the phenomenon of linguistic variation and change, being, therefore, subject to scientific description and analysis. To achieve the objective that we set ourselves, we carried out bibliographic research based on material already prepared, consisting of books, dissertations, and scientific articles, from which we essentially extracted the contributions of authors such as Labov (1972, 2008), Gesser (2016), Silva (2020), Vargas (2017), among others on the subject under study. We gave the information and data collected in the selected material inductive treatment and carried out a comparative,

explanatory, descriptive, and qualitative procedure to consolidate the theoretical foundation. The results point to the existence of diatopic variation in the different sign languages and also in the LIBRAS spoken in several Brazilian states/municipalities. Therefore, we find that, as in other natural languages, both in LIBRAS and in other sign languages, the phenomenon of diatopic variation occurs.

Keywords:

Libras. Linguistic Variation. Sign Languages.

1. Introdução

O comportamento variável das línguas tem chamado a atenção de pesquisadores em todo o mundo. Ao se depararem com as diferenças no falar das pessoas, dos grupos e até das comunidades, logo buscam conhecer e compreender os aspectos que justificam e influenciam as variações existentes na fala espontânea dos indivíduos em uma coletividade. Assim sendo, cabe a Sociolinguística, ramificação da Linguística, ciência da linguagem, o estudo das construções influenciadas por hábitos que perduram na sociedade, levando em conta não apenas aspectos linguísticos, mas também extralinguísticos.

É na vivência do cotidiano coletivo que nascem as relações sociais que reúnem e integram pessoas e grupos. As práticas comunicativas e a formação social se aproximam a partir da singularidade das situações do dia a dia. Diante disso, os estudiosos dessa área, ao perceberem que a estrutura social pode influenciar ou determinar a estrutura da língua ou seu comportamento, empreenderam estudos para evidenciar cientificamente a relação língua e sociedade e comprovaram que os valores sociais costumam ter efeito sobre a língua, isto é, por meio do estudo sociolinguístico é possível justificar os diversos falares de uma comunidade, dando margem para perceber a diversidade de expressões linguísticas que estabelecem diferenças de comunicação nas diversas situações de comunicação.

Os sociolinguístas afirmam que todas as línguas naturais possuem variedade e diversidade decorrentes de inúmeros fatores sociais que afetam diretamente o uso das línguas pelos falantes. Uma língua em sua prática corrente sofre modificações influenciadas por uma época, lugar ou grupo social. Dada esse caráter variável inerente às línguas, afirmamos que a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) – assim como todas as línguas naturais existentes e, entre elas, todas as línguas de sinais – enquanto língua viva e utilizada por falantes surdos brasileiros e por ouvintes fluentes, também esteja em constante processo de variação, cabendo des-

crevê-la sob a ótica da Teoria da Variação Laboviana. Por essa razão, neste estudo analisaremos a LIBRAS, à luz da teoria da variação linguística, buscando identificar em lugares diversos, sinais diferentes, mas com o mesmo significado, assim, reafirmando e reconhecendo o seu status de língua, já científico e legalmente reconhecidos.

Há vários anos, realizamos estudos sobre a ciência Linguística, suas ramificações e suas aplicações. Neste trabalho, faremos um estudo descritivo da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), a fim de conhecê-la à luz da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008), uma vez que os estudos sobre descrição linguística da LIBRAS ainda são incipientes, carecendo de uma maior atenção em termo de quantidade e qualidade pelos profissionais que atuam nesta área, tanto no sentido de conhecer os trabalhos que já existem para melhorar a sua prática docente, quanto no sentido de produzir conhecimento científico sobre esta instigante e frutífera área do conhecimento.

São essas as motivações que nos guiaram na realização desse estudo, emergindo dessas motivações e das contribuições que o trabalho dará aos profissionais que trabalham com essa língua, a relevância social e científica desse estudo sobre a variabilidade linguística em LIBRAS: aspectos diatópicos.

O objetivo geral desse estudo é analisar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), considerando o modo como essa língua é falada por seus usuários nos diversos lugares (cidades e estados), a fim de verificar a existência de variação diatópica (em decorrência do lugar onde é falada), isto é, se em municípios diferentes ou em estados diferentes, os falantes, na interação comunicativa, usam sinais diferentes com o mesmo significado.

As questões norteadoras as quais buscamos respostas neste trabalho são: A língua de sinais é universal? A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) apresenta unidade ou variedade? É possível identificar sinais diferentes com o mesmo significado, quando se compara cidades ou estados? Nossas hipóteses de trabalho, ou seja, as respostas provisórias a esses questionamentos indicam que LIBRAS é uma língua como qualquer outra língua natural: não é universal, possui variedade, pois é possível verificar sinais diferentes com o mesmo significado quando se compara locais diversos.

Por fim, o estudo é viável porque tem por base pesquisa teórica, que será fundamentada em compêndios disponíveis de renomados lin-

guistas nacionais e internacionais, sendo que os trabalhos realizados no Brasil servirão de base para a comparação dos sinais, a fim de se identificar as variantes diatópicas. É nossa pretensão com este estudo buscarmos atingir os objetivos a que nos propomos e testarmos as hipóteses levantadas, buscando assim respostas assertivas para a problematização apresentada.

2. Metodologia

Por se tratar de um estudo de caráter científico, para investigar as questões já apresentadas, adotamos procedimentos investigativos tais como leitura, categorização e interpretação, os quais possibilitaram a construção do suporte teórico da pesquisa. Quanto aos métodos, adotamos como método de abordagem, o método indutivo, o qual proporcionou as bases lógicas da investigação, uma vez que partindo do particular (uma língua específica) e colocando a generalização (todas as línguas naturais) como um produto posterior ao trabalho de análise e interpretação, confirmamos as hipóteses levantadas em relação ao objeto de investigação. Já o método de procedimento utilizado, foi o método comparativo, já que comparamos informações sobre localidades a fim de verificar a existência de variação na LIBRAS falada em determinadas comunidades. Quanto aos tipos de pesquisa, segundo as fontes de informação, realizamos pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base em material já elaborado constituído de livros e artigos científicos, de onde extraímos fundamentalmente as contribuições dos diversos autores sobre o tema em estudo.

Quanto à natureza dos dados, realizamos pesquisa qualitativa, haja vista buscarmos a compreensão, com a interpretação do fenômeno através de uma abordagem hermenêutica, isto é, procuramos entender o fenômeno linguístico em estudo a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos na situação, para a partir daí situar uma interpretação do fenômeno estudado.

Quanto aos objetivos, realizamos pesquisa explicativa, uma vez que buscamos explicar a razão da ocorrência de variação em LIBRAS, identificando quais fatores contribuem para sua ocorrência; e pesquisa descritiva, já que a partir das características inerentes a esta língua estabeleceu correlações entre os modos como os falantes a usam em localidades distintas, o que serviu de base para a explicação do fenômeno linguístico em estudo e comprovação da sua existência.

Desse modo é que estudamos os problemas propostos, testamos as hipóteses apresentadas e, através do percurso metodológico traçado, atingimos os objetivos aos quais nos propusemos.

O trabalho de pesquisa que realizaremos enquadra-se na linha de pesquisa Práticas Educativas e de Prevenção de Processos e Problemas. Os resultados alcançados serão propostos a professores e intérpretes de LIBRAS para aperfeiçoarem sua prática educativa.

3. As línguas de sinais

O português, o inglês, o francês, o espanhol etc., são línguas em que a interação comunicativa se dá prioritariamente pela audição. Porém, há línguas em que a interação comunicativa ocorre não pela audição, mas pela visão, não necessitando da expressão vocal. Estamos falando das línguas de sinais, idiomas visuais que utilizam prioritariamente as mãos, bem como movimentos corporais e expressões faciais na interação comunicativa, sendo utilizada pelas comunidades surdas em todo o mundo. Não se pode confundir as línguas de sinais com mímica ou gestos aleatórios, pois além de cada sinal ter significado, as línguas de sinais são naturais, possui gramática própria com aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos e, além disso, possui diversidade e variação como as demais línguas orais.

Há outras línguas de sinais em outros países, assim é possível falar em língua de sinais americana, língua de sinais francesa, língua de sinais italiana etc. No Brasil, a língua de sinais legalmente reconhecida é a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Em todos esses países, a língua de sinais se apresenta com suas peculiaridades; até em uma mesma língua de sinais observa-se variação quando se compara regiões ou lugares diferentes. Portanto, a língua de sinais possui diversidade, não sendo universal.

3.1. As línguas de sinais apresentam variações

A língua de sinais, da mesma forma que as demais línguas orais existentes no mundo, não é universal. Não existe uma língua de sinais única, cada país tem a sua. Segundo Gesser (2016),

[...] é comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer lugar do mundo. Ora, sabemos que nas comunidades de línguas o-

rais, cada país, por exemplo, tem sua(s) própria(s) língua(s). Embora se possa traçar um histórico das origens e apontar possíveis parentescos e semelhanças no nível estrutural das línguas humanas (sejam elas orais ou de sinais), alguns fatores favorecem a diversificação e a mudança da língua dentro de uma comunidade linguística, como, por exemplo, a extensão e a descontinuidade territorial, além de contatos com outras línguas. (GESSER, 2016, p. 11)

Sendo assim, cada país tem a sua língua de sinais que são diferentes umas das outras. O surdo do Japão fala a língua japonesa de sinais, o surdo da França fala a língua francesa de sinais, o surdo do Brasil fala a língua brasileira de sinais e assim com os demais países.

3.2. As línguas de sinais são naturais

As línguas de sinais são naturais. Assim como as línguas orais evoluem e se transformam com o passar do tempo, do mesmo modo, todas as línguas de sinais têm um comportamento variável. Existe uma língua de sinais artificial, o gestuno, também conhecida como língua de sinais internacional, criada para estabelecer a comunicação internacional entre surdos, porém, “a comunidade surda, de forma geral, não considera o gestuno uma língua real, uma vez que foi criada e adaptada.” (GESSER, 2016, p. 13).

4. Teoria da variação

Para o estudo da Variação Linguística em LIBRAS: aspectos diatópicos, tomamos como base a Teoria da Variação (LABOV, 1972). A LIBRAS, como qualquer outra língua natural, é passível de descrição, ou seja, pode ser analisada à luz de teorias científicas. Sendo assim, a seguir apresentaremos as considerações teóricas sobre a Teoria da Variação Laboviana (1972), sendo essa teoria que dará o suporte teórico ao estudo.

O propósito de descrever a heterogeneidade linguística e de encontrar um modelo, capaz de dar conta da influência dos fatores sociais que atuam na língua, passou a ter êxito somente a partir da década de 60 com os trabalhos de Labov e da sua teoria da Variação Linguística, também conhecida como Sociolinguística Variacionista, a qual desenvolveu ao lado de Weinreich e Herzog e está apresentada em Weinreich, Labov e Herzog (1968). Para essa concepção teórica, a língua é um fenômeno social, um sistema heterogêneo, sendo, por isso, passível de variação.

Nessa ótica de heterogeneidade, a variação ocorre quando existem, numa mesma comunidade de fala, num mesmo contexto e com certa frequência, duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa e a ocorrência das variantes depende de uma série de fatores, tanto de ordem estrutural como de ordem social. Opondo-se à concepção de um sistema linguístico invariável, homogêneo, Labov (1972) defende a ideia de uma heterogeneidade sistemática, mostrando que a variabilidade não é aleatória, sendo condicionada por forças internas e, ainda, que a estrutura social também determina as possibilidades de escolhas linguísticas.

Ainda de acordo com Labov, as regras variáveis têm uma função comunicativa (estilística, expressiva ou enfatizadora), ao passo que as regras invariantes não têm essa função, servindo apenas para facilitar a expressão das seleções já realizadas. A variação em um sistema linguístico, segundo Labov, não ocorre aleatoriamente; ela possui restrições de ordem linguística, como os contextos fonológicos, morfológicos e sintáticos, e de ordem social, como o sexo, a faixa etária, a classe social etc. Assim, para que se estude o comportamento de determinada variável linguística, é necessário delimitar quais fatores linguísticos e não linguísticos exercem influência sobre elas.

A Teoria da Variação pretende captar não apenas a variação na fala de um mesmo indivíduo, mas também a variação que ocorre de um indivíduo para outro dentro de uma mesma comunidade; por isso associa fatores linguísticos e sociais aos estudos da mudança linguística. Além disso, essa metodologia possibilita vislumbrar possíveis mudanças em curso através da observação do comportamento do uso linguístico por faixas etárias.

Labov (1972) defende a ideia de que toda mudança pressupõe variação, mas nem toda variação constitui um processo de mudança; nesse sentido, o objetivo maior da proposta variacionista é explicar por que as línguas mudam. Weinreich, Herzog e Labov e (1968) assumem que a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística e decidem romper com a identificação da estrutura com a homogeneidade, propondo que uma explicação razoável da mudança dependerá da possibilidade de descrever a heterogeneidade ordenada dentro da língua.

5. A língua brasileira de sinais (LIBRAS) falada no Brasil apresenta variação

Na década de 80 e 90, a LIBRAS ainda não era considerada uma língua oficial e o direito dos surdos era negligenciado pelo poder público. Em razão disso, a comunidade surda devidamente organizada passou a exigir do governo a elaboração de um plano de inclusão que assegurassem os seus direitos, bem como desse à LIBRAS o *status* de língua oficial.

A Constituição de 1988 traz a primeira grande conquista da comunidade surda: o direito à educação incluindo o atendimento educacional especializado nas redes públicas regulares de ensino. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), e a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 ampliaram as conquistas dos surdos, assegurando-lhes o direito à educação em escolas regulares da educação básica e superior, no entanto, a LIBRAS só foi só reconhecida como língua a partir da Lei nº 10.436, conforme se verifica abaixo:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Essa legislação em favor dos surdos brasileiros garantiu grandes avanços para o Brasil na inclusão da comunidade surda, uma vez que estabeleceu o ensino de LIBRAS como parte da formação de professores no país, garantiu acesso a profissionais especializados para atender esse público etc. (SILVA, 2020). Uma vez reconhecida como língua brasileira de sinais e tendo seu ensino assegurado pela legislação, a LIBRAS começou a ser estudada pelos linguistas brasileiros, os quais encontraram nela uma riqueza de possibilidades de ordem estrutural e social aguardando para ser exploradas.

5.1. Exemplos de variação diatópica em língua de sinais diferentes

Em todos os países do mundo existem pessoas surdas, que interagem entre si através das línguas de sinais. É um equívoco pensar que há apenas uma língua de sinais em todo o mundo. Como já se disse anteriormente, cada país tem a sua própria língua de sinais; isso prova que a língua de sinais não é universal. Segundo Gesser (2016, p. 12), “é muito

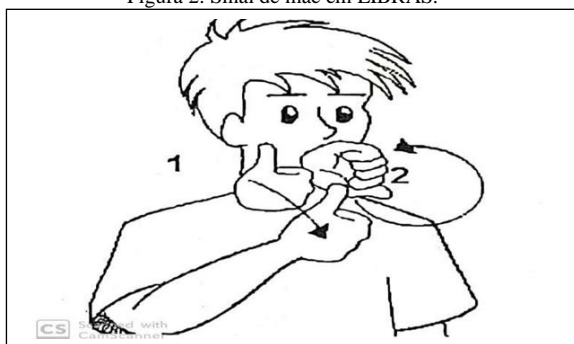
comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer lugar do mundo”, todavia esse pensamento está equivocado. Os sinais que representam ideias, objetos, coisas, seres em geral são diferentes de língua para outra. Da mesma forma que cada país tem sua língua oral, também tem a sua língua de sinais. Vejamos abaixo o sinal mãe em 5 línguas diferentes:

Figura 1: Sinal de mãe em línguas diferentes.



Fonte: Moore e Levitan (1993, p. 38) apud Gesser (2016).

Figura 2: Sinal de mãe em LIBRAS.



Fonte: <https://pt.scribd.com/document/94605369/FAMILIA-E-CONDICAO-CIVIL-Libras>.

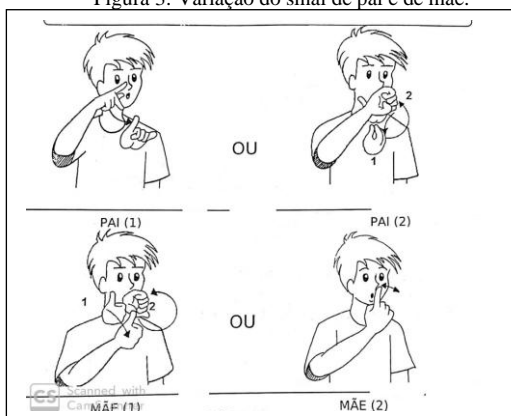
Ao compararmos línguas de sinais diferentes, vamos observar que o mesmo sinal pode ser realizado de formas diferentes em cada língua, isso rompe com a crença da universalidade e confirma a existência da diversidade e, por sua vez, de variedade.

5.2. Exemplos de variação diatópica na língua brasileira de sinais

Segundo os sociolinguistas, cientistas que realizam pesquisas buscando descrever as relações entre língua e sociedade, todas as línguas humanas possuem variedade e diversidade. Com a língua portuguesa e com a língua brasileira de sinais ocorrem os mesmos fenômenos linguísticos, isto é, ambas possuem diversidade e variação. Bagno (1999) defende que é um mito pensar que há unidade linguística no Brasil, mesmo a escola, equivocadamente, impondo a norma culta da língua portuguesa nas aulas de português como a única válida.

“A língua portuguesa é uma unidade que se constitui de muitas variedades” (PCN, 1998). Da mesma forma a LIBRAS é uma unidade que também possui muitas variedades. As variações se dão em todos os níveis da língua (fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático) e são determinadas por fatores sociais, culturais e geográficos. A seguir apresentamos exemplos de variação geográfica, ou seja, veremos que a realização de um mesmo sinal pode ocorrer de forma diferente de um local para outro. Analisaremos as variantes padrão e não padrão dos sinais pai e mãe.

Figura 3: Variação do sinal de pai e de mãe.



Fonte: <https://pt.scribd.com/document/94605369/FAMILIA-E-CONDICAO-CIVIL-Libras>.

Vê-se na Figura 3 acima (parte superior), duas variantes do sinal pai, ilustradas nas imagens 1 e 2. A forma padrão é a imagem 2, sinalizada com a junção dos sinais HOMEM + BÊNÇÃO. A imagem 1, o sinal soletrado de pai, é a forma não padrão.

Observemos a Figura 4:

Figura 4: Variante não-padrão do sinal de pai usado no Rio Grande do Sul.



Fonte: file:///C:/Users/Orleane/AppData/Local/Temp/26-80-1-PB.pdf.

A Figura 4 acima é sinal de pai (não padrão), proveniente do Rio Grande do Sul.

Vê-se na Figura 3 acima (parte inferior), duas variantes do sinal mãe, ilustradas nas imagens 1 e 2. A forma padrão é a imagem 1, sinalizada com a junção dos sinais MULHER + BÊNÇÃO. A imagem 2 é uma variante não-padrão usada em Florianópolis.

Observemos a Figura 5:

Figura 5: Variante não padrão do sinal de mãe usado no Rio Grande do Sul.



Fonte: file:///C:/Users/Orleane/AppData/Local/Temp/26-80-1-PB.pdf.

A Figura 5 acima é o sinal de mãe (não padrão), proveniente do Rio Grande do Sul.

6. Considerações finais

Dado o exposto, os resultados que obtivemos comprovam que o fenômeno da variação linguística é características de todas as línguas humanas sejam elas orais ou de sinais. As análises que fizemos das variantes dos sinais pai e mãe confirmaram a hipótese inicial deste estudo: as línguas de sinais são línguas naturais como qualquer outra, não são universais, e apresentam diversidade e variedade; e também apresentaram respostas plausíveis às questões inicialmente levantadas.

Constatamos que a língua brasileira de sinais (LIBRAS), assim como todas as línguas de sinais existentes, possuem variação diatópica, além de outras variações (sociais, culturais e até mesmo históricas), não abordadas neste estudo, oferecendo um leque de opções para pesquisadores empreenderem novos estudos e conseguirem desbravar este universo de possibilidades ainda pouco explorado.

Desta forma, ainda há muito que se investigar sobre a estrutura linguística da LIBRAS, bem como seus processos de variação e mudança linguística. Acreditamos que este trabalho possa contribuir para ampliar o conhecimento tanto daqueles que usam esta língua como meio de comunicação, quanto daqueles profissionais (professores, intérpretes) que utilizam esta tão fascinante e instigante língua como instrumento de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. São Paulo: Loyola, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 23 nov. 2020.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 23 nov. 2020.

GESSER, Audrei. *Libras? Que língua é essa?:* crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

LABOV, Willian. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

SILVA, Daniel Neves. *Língua Brasileira de Sinais (Libras)*; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/lingua-brasileira-sinaislibras.htm>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

SILVA, Simone Gonçalves de Lima da. *Variação sociolinguística na língua brasileira de sinais: o caso dos sinais mãe e pai em Florianópolis*. Disponível em: <file:///C:/Users/Orleane/Desktop/UEMANET.P%3%93S/15%C2%AA%20disciplina%20-%20TCC/TCC/26-80-1-PB.pdf>. Acesso em: 23 de novembro de 2020.

VARGAS, Vivian Gonçalves Louro. *Variação diatópica na língua brasileira de sinais: a questão do léxico no campo semântico de 'família'*. Disponível em: <file:///C:/Users/Orleane/Desktop/UEMANET.P%3%93S/15%C2%AA%20disciplina%20-%20TCC/TCC/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Vivian.pdf>. Acesso em: 23 de novembro de 2020.

WEINREICH, U.; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 1968.